## **AMAI VOSSOS INIMIGOS**

**R**econhece-se que, rompida a amizade, naturalmente os indivíduos deixam de vibrar na mesma sintonia de companheirismo e de confiança que alicerçava a relação fraterna. Contudo, não se pode demorar na vivência das energias produzidas nos desentendimentos, que muitas vezes são alimentadas pelo orgulho e pelo egoísmo, ácidos comprometedores da saúde do ser. Aquele que se deixa dominar por tais sentimentos mergulha mais e mais nas areias movediças do melindre, da vaidade ultrajada, da prepotência, dificultando enormemente seu processo de melhoria interior.

**A** proposta do Sublime Amigo é que todos se envolvam nas vibrações luminares do amor, abrindo o coração para a possibilidade da reconciliação, inicialmente com o entendimento dos fatos, da situação, já que estamos todos sujeitos às mesmas expressões infelizes, mas também com piedade, benevolência, desprendimento, sentimentos que iluminam as atitudes e amadurecem as relações, dando ensejo ao recomeço.

**É** preciso que o homem estenda ao irmão que lhe causou dor moral vibrações de respeito, de desejo sincero de paz e serenidade para que seus dias sejam abençoadas oportunidades de crescimento interior.

**U**rgente se faz que estabeleça como prioridade íntima a relação com seu próximo, impedindo, com posturas firmes no amor, que motivos de desentendimento aconteçam.

**A** verdadeira caridade deve ser o móvel da sua vida, pois significa para o espírito o que o oxigênio representa para o corpo físico.

**O** amor vivido em sua mais pura expressão é o agente que neutraliza todo sentimento contrário às relações humanas e estabelece a paz entre todos os corações.

***Bezerra de Menezes*** Do livro: ***Estudando o Evangelho com Bezerra de Menezes***. CEMES Psicografia: ***Alda Maria***

## **RETRIBUIR O MAL COM O BEM**

**1**. “*Aprendestes o que foi dito: Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos. Eu, porém, vos digo: Amai vossos inimigos, fazei o bem àqueles que vos odeiam e orai por aqueles que vos perseguem e vos caluniam, a fim de que sejais os filhos do vosso Pai que está nos céus, que faz o Sol se erguer sobre os bons e sobre os maus, e faz chover sobre os justos e os injustos; porquanto, se amais apenas aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Os publicanos também não fazem o mesmo? E se saudardes somente os vossos irmãos, o que fazeis mais do que os outros? Os gentios também não agem assim? Eu vos digo que, se a vossa justiça não for maior que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no reino dos céus*.” (Mateus, vv: 43 a 48, e 20.)

**2**. “*Se somente amardes os que vos amam que mérito se vos reconhecerá, uma vez que as pessoas de má vida também amam os que as amam? — Se o bem somente o fizerdes aos que vo-lo fazem, que mérito se vos reconhecerá, dado que o mesmo faz a gente de má vida? — Se só emprestardes àqueles de quem possais esperar o mesmo favor, que mérito se vos reconhecerá, quando as pessoas de má vida se entreajudam dessa maneira, para auferir a mesma vantagem? — Pelo que vos toca, amai os vossos inimigos, fazei bem a todos e auxiliai sem esperar coisa alguma. Então, muito grande será a vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, que é bom para os ingratos e até para os maus. — Sede, pois, cheios de misericórdia, como cheio de misericórdia é o vosso Deus.*” (Lucas, cap VI, vv. 32 a 36.)

**3**. Se o amor ao próximo é o princípio da caridade, amar os inimigos é a sua aplicação sublime, porque essa virtude é uma das maiores vitórias alcançadas sobre o egoísmo e o orgulho.

**E**ntretanto, há geralmente equívoco no tocante ao sentido da palavra amar, neste passo. Não pretende Jesus, assim falando, que cada um de nós tenha para com seu inimigo a ternura que dispensa a um irmão ou amigo; a ternura pressupõe confiança; ora, ninguém pode depositar confiança numa pessoa, sabendo que esta lhe quer mal; ninguém pode ter para com ela expansões de amizade, sabendo-a capaz de abusar dessa atitude; entre pessoas que desconfiam umas das outras, não pode haver essas manifestações de simpatia que existem entre as que comungam nas mesmas ideias; enfim, ninguém pode sentir, em estar com um inimigo, prazer igual ao que sente na companhia de um amigo.

**A** diversidade na maneira de sentir, nessas duas circunstâncias diferentes, resulta mesmo de uma lei física: a da assimilação e da repulsão dos fluidos; o pensamento malévolo determina uma corrente fluídica que impressiona penosamente. O pensamento benévolo nos envolve num agradável eflúvio. Daí a diferença das sensações que se experimenta à aproximação de um amigo ou de um inimigo. Amar os inimigos não pode, pois, significar que não se deva estabelecer diferença alguma entre eles e os amigos. Se este preceito parece de difícil prática, impossível mesmo, é apenas por entender-se falsamente que ele manda se dê no coração, assim ao amigo, como ao inimigo, o mesmo lugar. Uma vez que a pobreza da linguagem humana obriga a que nos sirvamos do mesmo termo para exprimir matizes diversos de um sentimento, à razão cabe estabelecer as diferenças, conforme aos casos.

**A**mar os inimigos, portanto, não é ter por eles uma afeição que não é natural, uma vez que o contato com um inimigo faz o coração bater de uma forma totalmente diferente da que ocorre ao contato com um amigo. Amar os inimigos é não ter contra eles nem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; é perdoar-lhes sem segundas intenções e sem restrições o mal que nos fizeram; é não colocar nenhum obstáculo à reconciliação; é desejar-lhes o bem em lugar do mal; é ficar alegre, em vez de triste, com o bem que lhes aconteça; é estender-lhes a mão para socorrê-los em caso de necessidade; é evitar, por palavras ou ações, tudo o que possa prejudicá-los; é, enfim, retribuir-lhes o mal com o bem, sem intenção de humilhá-los. Aquele que assim proceder cumpre plenamente o mandamento: “Amai os vossos inimigos”.

**4**. Para o incrédulo, amar os inimigos é um absurdo; aquele para quem a vida presente é tudo, vê em seu inimigo apenas um ser nocivo perturbando a sua tranquilidade e, do qual, segundo ele acredita, só a morte pode livrá-lo. Daí, o desejo de vingança; não há nenhum interesse em perdoar, se não for para satisfazer o seu orgulho aos olhos do mundo; perdoar mesmo, em certos casos, parece-lhe uma fraqueza indigna dele. Ainda que não se vingue, não deixará de sentir rancor nem o desejo oculto do mal.

**P**ara o crente, mas para o espírita principalmente, a maneira de ver é totalmente diferente porque ele lança o seu olhar para o passado e para o futuro, entre os quais a vida presente não é mais que um ponto. Ele sabe que, pela própria destinação da Terra, deve se preparar para ali encontrar homens maus e perversos; que as maldades às quais está exposto fazem parte das provas que deve sofrer, e que o elevado ponto de vista em que se coloca torna as vicissitudes menos amargas para si, venham elas dos homens ou das coisas; se não se queixa contra as provas, não se deve queixar contra aqueles que lhes servem de instrumento. Se, em vez de se lamentar, agradece a Deus por submetê-lo às provas, deve agradecer a mão que lhe possibilita a oportunidade de demonstrar sua paciência e sua resignação. Esse pensamento o predispõe naturalmente ao perdão, por outro lado ele sente que, quanto mais generoso for, mais crescerá aos seus próprios olhos e mais longe ficará do alcance da ação malévola dos seus inimigos.

**O** homem que no mundo ocupa elevada posição não se julga ofendido com os insultos daquele a quem considera seu inferior. O mesmo se dá com o que, no mundo moral, se eleva acima da humanidade material. Este compreende que o ódio e o rancor o aviltariam e rebaixariam. Ora, para ser superior ao seu adversário, preciso é que tenha a alma maior, mais nobre, mais generosa do que a desse último.